

Literatura de paradoxo e literatura de contradição

Jean Calmon Modenesi
Unesp
jeancalmon@bol.com.br

RESUMO: Trata-se de uma análise sobre a diferença entre dois tipos de Literatura, a saber, Literatura de Paradoxo e Literatura de Contradição. Tal análise parte da distinção entre os conceitos de Paradoxo e de Contradição operada no âmbito da Filosofia. Em seguida, examina-se a apropriação, bem como a instrumentalização dos referidos conceitos no plano da Teoria Literária (Bataille e Blanchot). Por fim, a análise se debruça sobre a aplicação dos conceitos de Paradoxo na obra literária de Lewis Carroll e de Contradição na obra literária de Júlio Verne.

PALAVRAS-CHAVE: Paradoxo. Contradição. Aristóteles. Deleuze. Carroll. Verne.

ABSTRACT: It is an analysis about the difference between two types of Literature, specifically, Literature of Paradox and Literature of Contradiction. Such analysis is based on the distinction between the concepts of paradox and contradiction according to the assumptions of Philosophy. After that, the study focuses either in the appropriation or in instrumentalization of such concepts in the Literary Theory field (Bataille and Blanchot). Finally,

the analysis concentrates itself on the application of the Paradox concepts in the Lewis Carroll's literary work as well as on the Contradiction concepts in Julio Verne's literary work.

KEY-WORDS: Paradox. Contradiction. Aristotle. Deleuze. Carroll. Verne.

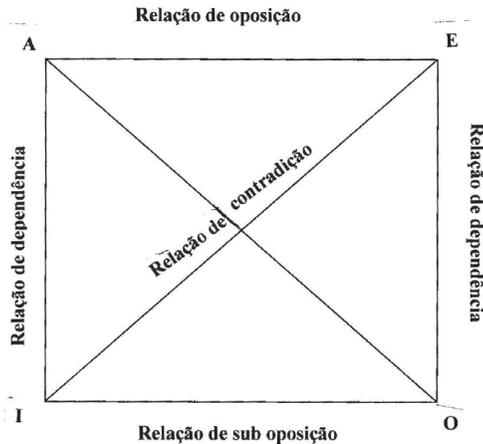
Para entendermos a diferença entre as Literaturas de Paradoxo e de Contradição, faz-se necessário distinguir os conceitos de Paradoxo e de Contradição no âmbito circunscrito aos limites da Filosofia. Tais conceitos remetem às relações lógico-temporais, ou melhor, à Lógica cujo pressuposto encontra-se originariamente no Tempo. Isso significa que, antes de constituírem-se enquanto relações lógicas, o Paradoxo e a Contradição constituem-se como relações temporais. Embora o senso-comum tenha a tendência de confundir as referidas noções, um estudo acerca da questão do Tempo pode mostrar sua diferença estrutural, bem como suas respectivas implicações no próprio âmbito circunscrito aos limites da Literatura.

Em seu *órganon*, a saber, as obras dedicadas à Lógica, Aristóteles apresenta quatro modos possíveis de relações entre os quatro modos possíveis de juízos: as relações de oposição, de sub oposição, de dependência e de contradição estabelecidas pelos juízos universais afirmativos, universais positivos, particulares afirmativos e particulares negativos. Na Idade Média, o pensamento cristão elaborou o conhecido "Quadrado Lógico", a saber, uma figura geométrica cuja visualidade possibilita um entendimento mais claro, simples e didático de tais relações.

Quadrado Lógico

Enunciado Universal Afirmativo
Todos os homens são mortais

Enunciado Universal Negativo
Nenhum homem é mortal



Enunciado Particular Afirmativo
Sócrates é mortal

Enunciado Particular Negativo
Sócrates não é mortal

Assim, as relações de oposição e de sub oposição são representadas pelas linhas horizontais, já as relações de dependência são representadas pelas linhas verticais e ainda as relações de contradição são representadas pelas linhas diagonais. Ao mesmo tempo, o vértice **A** representa o juízo universal afirmativo “Todos os homens são mortais”, o vértice **E** representa o juízo universal negativo “Nenhum homem é mortal”, o vértice **I** representa o juízo particular afirmativo “Sócrates é mortal” e, finalmente, o vértice **O** representa o juízo particular negativo “Sócrates não é mortal”.

Representada pela linha diagonal que atravessa do “Quadrado Lógico”, a relação de contradição se caracteriza por uma exclusão recíproca entre dois juízos, onde o primeiro sempre é afirmativo, enquanto o segundo sempre é negativo, e mais, onde o primeiro é sempre universal, enquanto o segundo sempre é particular. Aliás, se a contradição difere da simples oposição é porque a contradição é uma relação que envolve juízos de natureza distinta, ou seja, juízos universais e particulares - por exemplo, “Todos os homens são mortais” *versus* “Sócrates não é mortal” e/ou “Nenhum homem é mortal” *versus* “Sócrates é mortal” -, ao passo que a oposição é uma relação que envolve apenas juízos universais - por exemplo, “Todos os homens são mortais” *versus* “Nenhum homem é mortal” - e a sub oposição abarca somente juízos particulares - por exemplo, “Sócrates é mortal” *versus* “Sócrates não é mortal”.

Do ponto de vista linguístico, os juízos universais são formados por termos que não admitem exceções: tudo, nada, todos, nenhum, sempre, nunca etc.; já os juízos particulares são constituídos por vocábulos que consistem nas próprias exceções - os acidentes, para lembrarmos da gramática aristotélica: os nomes, pronomes, adjetivos, substantivos e até alguns verbos e modos verbais que fixam as identidades particulares. Assim fica estabelecida a relação de exclusão, visto que a verdade pode corresponder apenas e tão-somente a um dos dois juízos. Por exemplo, no primeiro caso, “Todos os homens são mortais” *versus* “Sócrates não é mortal”, o juízo universal corresponde à verdade, visto que Sócrates morreu ao beber a cicuta; já no segundo caso, “Nenhum homem é mortal” *versus* “Sócrates é mortal”, o

juízo particular corresponde à verdade já que, ao beber a cicuta, Sócrates morreu. Mas o juízo particular “Sócrates é mortal” somente pode corresponder à verdade porque, em última análise, ele estabelece uma relação de dependência relativamente ao juízo universal “Todos os homens são mortais”, o que revela o poder hegemônico ou mesmo totalizante exercido pelo universal sobre o particular na perspectiva aristotélica.

Mas o que isso teria a ver com a questão do Tempo? Se considerarmos que, na Lógica Clássica, a relação de contradição entre juízos é orientada pelo princípio de *identidade* ($A=A$), bem como pelos dois outros princípios que se desdobram do primeiro, a saber, os princípios de *não-contradição* ($A\neq B$) e do *terceiro excluído* ($A=X$ ou $A=Y$), poderemos entender a relação entre a Lógica e o Tempo. Nessa perspectiva, tais princípios são axiomas, verdades apodíticas, algo que se dá ao conhecimento de modo imediato, intuitivo e não deduzido nem tampouco induzido. Sob sua orientação, constituem-se não apenas as relações entre os juízos, mas também os próprios juízos. Ocorre que a estruturação do pensamento e da linguagem de acordo com os referidos princípios possui uma homologia com a própria estruturação de um determinado Tempo, da perspectiva lógica do Tempo, do modo crono-lógico em que se apresenta o Tempo. O Tempo crono-lógico é o Tempo da sucessão, onde cada instante que advém exclui o instante que passa. Nessa ordem temporal, não é possível dois instantes simultâneos para cada identidade em particular. Pois a exclusão do antigo pelo novo instante é o fundamento temporal da própria Lógica, disciplina que opera por divisões, por disjunções, por exclusões entre os juízos para legitimar as iden-

tidades (particulares e/ou universais, afirmativas e/ou negativas). Segundo Aristóteles, (...)

(...) o que principalmente parece ser particular às essências, é, que um e o mesmo indivíduo é susceptível de ser em um tempo o contrário do que era em outro tempo. (41) De modo que é próprio das essências o admitirem estados contrários, vindo elas mesmas a mudarem. Mas o que fica dito bastará a respeito das essências. (42) (ARISTÓTELES, 1982, p. 42)

Por outro lado, a homologia estrutural entre os conceitos de Contradição e de Tempo crono-lógico não exauri todos os modos do pensamento, da linguagem e do próprio Tempo. Bem ao contrário, na Filosofia, pensadores tais como Deleuze e Foucault, mostram que, para além dos referidos conceitos estabelecidos pela Lógica Clássica, há outros modos de pensamento, de enunciação e de temporalização. Aliás, conforme Deleuze, tais modos vem sendo operados pelo menos desde os Estóicos, na Antiguidade. Com eles, o pensamento e a linguagem valeram-se dos conceitos de Paradoxo e de Tempo não-cronológico (Tempo aiônico) como contraponto aos conceitos de Contradição e de Tempo cronológico, tal como assomou ao platonismo e ao aristotelismo. Não nos cabe aqui um levantamento histórico de tais questões. Basta entendermos que o conceito de Paradoxo se contrapõe ao conceito de Contradição, na medida em que fundamenta relações opostas e, no entanto, não-excludentes entre enunciados (juízos): “a árvore verdeja” implica que a árvore torna-se mais verde do que era, mas também pressupõe que a

árvore torna-se menos verde do que será; fundamenta relações opostas e, no entanto, não-excludentes entre termos que formam um mesmo enunciado: as expressões absurdas tais como o “quadrado é circular”; e ainda fundamenta palavras carregadas de significados opostos e, no entanto, não-excludentes: as palavras exotéricas ou as palavras-valise. Isso significa que a dis-junção “ou” dá lugar à con-junção “e”, visto que, na Contradição, os enunciados são auto-excludentes (Sócrates é grego “ou” é não-grego) ao passo que, no Paradoxo, os enunciados são complementares (Sócrates é grego “e” é não-grego). Aliás, não seria esse o fundamento de Nietzsche ao enunciar que Sócrates era um não-grego nascido na Grécia? De todo modo, o fundamento do Paradoxo também é o Tempo, mas outro Tempo, não mais o Tempo crono-lógico enquanto sucessão no presente, mas o Tempo aionico enquanto simultaneidade entre o passado e o futuro. Ao invés de uma única leitura do Tempo, onde o presente compreende tanto o passado (antigo presente) quanto o futuro (novo presente), duas leituras do Tempo: por um lado, o presente, tempo das identidades fixadas pelos nomes, pronomes, adjetivos, substantivos; por outro, o passado e o futuro em simultaneidade, Tempo dos devires, das mudanças, das diferenças para as quais se conjugam os verbos, sobretudo no infinitivo: verdejar, crescer, cortar, viver, morrer, criar etc.

O acontecimento é coextensivo ao devir e o devir, por sua vez, é coextensivo à linguagem (...). De um lado, os nomes próprios singulares, os substantivos e adjetivos gerais que marcam

as medidas, as paradas e repousos, as presenças; de outro, os verbos que carregam consigo o devir e seu cortejo de acontecimentos reversíveis e cujo presente se divide ao infinito em passado e futuro. De acordo com Cronos, só o presente existe no tempo. Passado, presente e futuro não são três dimensões do tempo; só o presente preenche o tempo, razão pela qual o passado e o futuro são duas dimensões relativas ao presente no tempo. (...) Segundo Aion, somente o passado e o futuro insistem ou subsistem no tempo. Em lugar de um presente que absorve o passado e o futuro, um futuro e um passado que dividem a cada instante o presente, que o subdividem ao infinito em passado e futuro, nos dois sentidos ao mesmo tempo. (DELEUZE, 1998, p. 9, 26, 166, 169)

Mas quais seriam as implicações das referidas leituras do Tempo no assim chamado “espaço literário”? Por exemplo, Blanchot, ao investigar aquilo que ele mesmo designa de “gênese da obra”, isto é, uma pesquisa acerca das relações genéticas entre a obra, especialmente a obra literária, o Ser e o mundo, dá testemunho do conceito de Paradoxo cujo fundamento é o Tempo não-cronológico. É que, para ele, se a obra requer o começo, este exige o começo do começo, o recomeço, a origem da qual, no entanto, nada pode originar-se. Nesse caso, a origem apresenta-se como a repetição anterior ao que se repete, o recomeço que antecede o começo, a duplicação que se antecipa ao duplicado. Pois o recomeço antes do começo não é senão a própria página em branco, o nada, o vazio absoluto, a ausência de obra que, em

virtude do “movimento” de repetição, é alçada à condição de presença. Eis o conceito de Paradoxo blanchotiano: a presença da ausência na obra literária.

Mas, no pensamento de Bataille, também encontraremos o Paradoxo fundamentado pelo Tempo não-cronológico. Ao escrever *A experiência interior*, por exemplo, Bataille alude ao erotismo enquanto movimento através do qual a linguagem é investida pela sexualidade, criando uma espécie de linguagem transgressiva⁸¹, a saber, a crítica, a paródia, o pastiche, entre outros. É que, na transgressão, a linguagem a-funda tudo aquilo que ela própria fundou, qual seja, todas as formas de identidade (Verdade, Deus, Natureza, Subjetividade, Mundo), incluindo a própria língua, a norma e o código. Mas, através do a-fundamento realizado pela transgressão (repetição crítica), a linguagem mostra-se como o fundamento auto-fundante de tudo aquilo que foi fundado por ela: o Ser da linguagem (repetição de si mesma). Eis o conceito de Paradoxo segundo Bataille: a linguagem enquanto fundamento que a-fundado o fundado para desvelar-se como auto-fundação.

Mas, para além da Teoria Literária, é na própria Literatura, ou melhor, em determinadas obras literárias, que se encontra a mais perfeita aplicação do conceito de Paradoxo fundamentado pela noção de Tempo não crono-lógico. Porém, o que chamo aqui de Literatura de Paradoxo não deve ser confundido com a chamada Literatura Fantástica. É que, se toda Literatura de Paradoxo é de algum modo Fantástica, nem toda Literatura Fantástica é neces-

⁸¹ Sobre o tema em questão, ler o artigo *Prefácio à transgressão: homenagem a G. Bataille*, de Michel Foucault, e ainda *Dom Quixote e a dobra da linguagem*, segundo capítulo do livro *O Dom Quixote de Foucault*, de Jean Calmon.

sa ariamente paradoxal. Nas obras de Literatura de Paradoxo, as coordenadas espaço-temporais são sempre subvertidas, ao passo que, nas obras de Literatura Fantástica, nem sempre o Espaço e o Tempo (ordem crono-lógica) são subvertidos. Talvez dois dos casos mais paradigmáticos desta questão sejam as obras literárias de Lewis Carroll e de Júlio Verne.

Em Lewis Carroll, as obras *Alice no país das maravilhas* e *Alice através do espelho* foram escritas de acordo com o Conceito de Paradoxo cujo fundamento é o Tempo não-cronológico*. Tal como nos ensina Deleuze, seja no mundo da Maravilhas, seja no mundo do Espelho, a personagem de Alice faz a experiência do Paradoxo de diversos modos: o Paradoxo do Tempo: “geléia na véspera e no dia seguinte, nunca hoje”; o Paradoxo do crescer e diminuir: “em que sentido?”, pergunta Alice, pressentido que é sempre nos dois sentidos ao mesmo tempo; o Paradoxo do mais e do menos: cinco noites são cinco vezes mais quentes do que uma só, “mas deveriam ser também cinco vezes mais frias pela mesma razão”; o Paradoxo do ativo e de passivo: “será que os gatos comem os morcegos?” é o mesmo que “será que os morcegos comem os gatos?”; o Paradoxo da causa e do efeito: ser punido antes de ter cometido o crime, gritar antes de se machucar etc. Mas a proliferação de Paradoxos tem como consequência final o próprio desfazimento da identidade de Alice: “será que ainda sou uma menina?”, “quem sou eu?”, “qual é o meu nome mesmo?”. Uma consequência de natureza subjetiva, sem dúvida, mas também política, já que a identidade do “eu” representa um dos meios através dos quais se exerce um tipo poder sobre os indivíduos em geral, começando pelas próprias crianças.

Ela ficou parada, sem silêncio, durante um minuto, pensando. Subitamente, começou a falar de novo.

- Quer dizer então que realmente aconteceu, não foi? E agora, quem sou eu? Eu vou fazer um esforço e vou me lembrar. Estou determinado a me lembrar!

Todavia, estar determina não ajudou muito. Tudo o que ela pode dizer, depois de queimar os miolos durante bastante tempo, foi:

- L. Eu sei que o meu nome começa com L. (...) “Eu gostaria de saber!”, pensou a pobre Alice. E então respondeu, cheia de tristeza: Nada. Acho que agora não me chamo nada... (CARROLL, 2009, p. 66)

Por outro lado, na obra de Júlio Verne, encontra-se a mais perfeita aplicação do conceito de Contradição fundamentado pela noção de Tempo crono-lógico. Relembramos: segundo Aristóteles, o conceito de Contradição representa uma relação entre enunciados opostos e auto-excludentes, onde o primeiro é universal e o segundo é particular. Na obra de Júlio Verne, o enunciado universal é representado pelo paradigma da Ciência Moderna, principalmente sob a forma das máquinas de mensuração: o relógio que mede o Tempo espacializado (quantificado)^{82*}, o termômetro que mede a temperatura ambiente; o barôme-

⁸² Aristóteles define a categoria de tempo como uma quantidade contínua: “Das quantidades, umas são discretas, outras são contínuas (43); (...) É quantidade discreta qualquer número, qualquer discurso; e, contínua, a linha, a superfície, o corpo e, além destas, o lugar e o tempo (44)”. In: *Categorias*. Tradução: Silvestre Pinheiro Ferreira. Lisboa: Guimarães & C.a Editores, p. 43, 1982.

tro que mede a pressão atmosférica; o anemômetro que mede a velocidade do ar (o vento); e ainda os medidores de altura e profundidade. Mas também pelas máquinas de deslocamento e transporte: o balão, o trem a vapor, o submarino e o foguete espacial etc. Ainda os aparelhos de comunicação que se assemelham ao rádio e ao fax. E até o homem comparado a uma máquina perfeita. É assim que os heróis de *Viagem ao centro da Terra*; *Vinte mil léguas submarinas*, *A volta ao mundo em oitenta dias* e *Da terra à Lua*, logram êxito em suas aventuras fantásticas.

É que, de fato, Phileas Fogg era a exatidão personificada (...)

Phileas Fogg era dessas criaturas matematicamente exatas, que, jamais apressadas e sempre prontas, são econômicas quanto aos seus passos e aos seus movimentos. (...)

Após haver examinado essa morada em detalhes, Chavemestra esfregou as mãos de contentamento, seu rosto largo fez-se radiante e ele repetiu alegremente:

- Gosto disso! Era bem o que eu queria! Nós nos entenderemos perfeitamente, Mr. Fogg e eu! Um homem caseiro e disciplinado! Uma verdadeira máquina! Pois muito bem, eu não me importo em servir a uma máquina! (VERNE, 2009, p. 11, 12 e 15)

Mas, na obra de Júlio Verne, também há o enunciado particular representado pelo senso-comum, a saber, as opiniões dos conservadores, dos ignorantes e dos mal-intencionados, os quais duvidam da eficácia dos referidos inventos e da legitimidade de

seus respectivos inventores. Assim se estabelece a relação de oposição auto-excludente entre o universal e o particular.

- Que deus me livre! – exclamou Stuart -, mas eu apostaria quatro mil libras que uma tal viagem, feita nessas condições, é impossível.

- Ao contrário, perfeitamente possível - respondeu Mr. Fogg.

- Pois bem, então faça-a!

- A volta ao mundo em oitenta dias?

- Sim.

- Eu aceito.

- Quando?

- Agora mesmo.

- É uma loucura! – bradou Andrew Stuart, que começava a aborrecer-se com a insistência do seu parceiro. - Escute! Vamos jogar. (VERNE, 2009, p. 21 e 22)

Mas, a exemplo de Platão, que resolve o problema da Contradição através da disputa (*agon*) entre a Filosofia e a Sofística, Júlio Verne soluciona a questão da Contradição por meio do embate entre a Ciência e a opinião. Mas as coincidências não terminam aí. É que, nos diálogos de Platão, Sócrates sempre derrota seus rivais (os sofistas), ao mesmo tempo em que, nas novelas e nos romances de Julio Verne, os heróis (em geral os representantes da Ciência Moderna) sempre vencem seus antagonistas. No entanto, uma questão se impõe de imediato: se a vitória e a derrota dos oponentes são predeterminadas, isto é, determinadas desde sempre, não estaríamos diante de um falso combate? Sendo assim, tal combate não é real. Fomos enganados. O engano,

no entanto, não se deve à dúvida, à desconfiança, à suspeita avocada pela opinião sobre a Ciência, mas ao movimento que parte da hipótese para chegar à teoria no âmbito da própria Ciência, ou melhor, ao movimento pelo qual se deseja demonstrar que cada hipótese sempre foi uma teoria mesmo antes de sua experimentação científica travestida de aventura fantástica.

Na Literatura de Paradoxo também se dá o combate entre forças antagonicas. Aqui, no entanto, o combate é real, pois nada é determinado por antecipação. Isso significa que, numa perspectiva temporal, o presente constitui-se a partir de um futuro indeterminado. A única determinação possível é a relação de tensão que jamais se desfaz. As batalhas são vencidas e perdidas, sim, mas a guerra é infundável, visto que o resultado de cada batalha é sempre provisório. Como na vida, quem sai vencedor também sai perdedor e vice-versa. A vitória nunca é definitiva. A derrota jamais é completa. Repetidamente a rainha manda cortar a cabeça de seus desafetos. O medo se instala no coração de todos, inclusive da pequena Alice. Mas ninguém é decapitado, pois, de algum modo, todos já perderam a cabeça. E mesmo quando a morte sobrevém, a exemplo da morte do Sr. K., no final do romance *O Processo*, de F. Kafka, a tensão permanece para além do ponto final da narrativa.

Referências

ARISTÓTELES. *Categorias*. Tradução: Silvestre Pinheiro Ferreira. Lisboa: Guimarães & C.a Editores, 1982.

ARISTÓTELES. *Categorias*. In: *Órganon*. Tradução: Edson Bini, SP: EDIPRO, 2010.

ARISTÓTELES. *Da interpretação*. In: *Órganon*. Tradução: Edson Bini, SP: EDIPRO, 2010.

BATAILLE, Georges. *A experiência interior*. Tradução: Celso Coutinho, Magali Montagné e Antônio Ceschin. São Paulo: Editora Ática, 1992.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Tradução: Nicolau Sevcenko. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CARROLL, Lewis. *Alice no país dos Espelhos*. Tradução: Willian Lagos. Porto Alegre: L&PM, 2009.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história de filosofia I: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CERVANTES DE SAAVEDRA, Miguel de. *Dom Quixote de La Mancha*. Tradução: Sérgio Molina. São Paulo: Ed. 34, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução: Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *O que é a filosofia?* Tradução: Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução: Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997

FOUCAULT, Michel. "Prefácio à transgressão". In: *Ditos e escritos III*. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FOUCAULT, Michel. "Linguagem ao infinito". In: *Ditos e escritos III*. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

MODENESI, Calmon Jean. *O Dom Quixote de Foucault*. Rio de Janeiro: Ed. E-papers, 2003.

MODENESI, Calmon Jean. *HomemTempo*. Rio de Janeiro. Site da Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFRJ, 2009. Versão eletrônica: http://www.lettras.ufrj.br/ciencialit/trabalhos/2009/jeancalmon_homemtempo.pdf

VERNE, Júlio. *A volta ao mundo em oitenta dias*. Tradução: Antonio Caruccio-Caporale. Porto Alegre: L&PM, 2009.

VERNE, Júlio. *Vinte mil léguas submarinas*. Tradução: Cláudia Ortiz. SP: Larousse, 2006.

VERNE, Júlio. *Viagem ao centro da Terra*. Tradução: Renata Cordeiro. Porto Alegre: L&PM, 2009.

VERNE, Júlio. *Da Terra à Lua*. Tradução: Cascais Franco. Lisboa: Europa-América, 2009.

Artigo recebido em 29/01/2011 e aprovado em 15/03/2011.

